

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.2024-19-03>

Recebido em 11/04/2023. Aprovado em 20/12/2023.

Artigo Original

Editora de Seção: Ana Carolina Cernicchiaro

CORPO, NATUREZA E REGENERAÇÃO EM O AMANTE DE LADY CHATTERLEY, DE D. H. LAWRENCE

BODY, NATURE AND REGENERATION IN LADY CHATTERLEY'S LOVER, BY D. H. LAWRENCE

Roberta Flores Santurio*

Sabrina Siqueira**

Resumo: Defensor do corpo como a única potência humana capaz de agir contra as adversidades sociais, D. H. Lawrence foi categorizado, em toda sua obra, como “erótico”, principalmente em sua narrativa mais robusta, *O amante de lady Chatterley*. No entanto, as ambivalências do autor confundem pelo teor moralizante presente na narrativa. Apesar das cenas de sexo, há a mensagem pró-vida de união entre os amantes e de crença no ciclo vida-morte-vida dos seres. Há uma vertente social apresentada paralelamente aos aspectos psicológicos dos personagens. Conforme analisamos neste trabalho, a construção de uma imagem positiva e afirmativa do corpo e sua relação com a natureza não é nova, mas renovada por Lawrence no século XX, conferindo-lhe novos sentidos para além da representação. Relativamente a esses aspectos, traçamos a relação do romance *O amante de lady Chatterley* com a filosofia de Spinoza, com a poética de Shakespeare e com o estudo de Bakhtin sobre o corpo e a natureza.

Palavras-chave: Corpo. D. H. Lawrence. Natureza.

Abstract: Defender of the body as the only human power capable of acting against social adversities, D. H. Lawrence was categorized throughout his work as “erotic”, especially in his most robust narrative, *Lady Chatterley's Lover*. However, the author's ambivalences are confusing due to the moralizing content present in the narrative. Despite the sex scenes, there is a pro-life message of union between lovers, and a belief in the life-death-life cycle of beings. Moreover, there is a social aspect along with psychological aspects of the characters. As we analyze in this work, the construction of a positive and affirmative image of the body and its relationship with nature is not new but renewed by Lawrence in the 20th century which provides nature with broad meanings beyond representation. In this sense, we seek to trace the relationship between the novel *Lady Chatterley's Lover* and Spinoza's philosophy, Shakespeare's poetics and Bakhtin's study of the body and nature.

Keywords: Body. D. H. Lawrence. Nature.

Then what have I got
Why am I alive anyway?
Yeah, hell
What have I got
Nobody can take away
[...]

* Doutoranda em Letras na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora substituta de Literaturas Anglófonas na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: betasanturio@gmail.com.

** Doutora em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Estágio de Pós-Doutorado (PPGLetras/UFSM) com bolsa PDJ/CNPq.

Got my neck, got my boobs
 Got my heart, got my soul
 Got my back
 I got my sex
 I got my arms, got my hands
 Got my fingers, got my legs
 Got my feet, got my toes
 I got my tongue, got my chin
 Got my liver
 Got my blood

Nina Simone em “Ain’t Got No/I Got Life”.

Em 1925, D. H. Lawrence começa a escrever *Ternura*, sendo que posteriormente muda o título para *O amante de lady Chatterley*. Perceber a sexualidade, nesse extenso Romance de Lawrence, pelo viés da pornografia, foi a base errática de sua recepção, em 1928 e, de certo modo, de sua fama e de seu recorde de vendas. Devido ao apelo sexual, que permeia toda a obra de Lawrence e principalmente esse romance, o autor fora posto sob censura em grande parte da Europa e Estados Unidos da América, até meados de 1960. Devido à essa razão moral, conforme o próprio autor explica em *A propósito de O amante de lady Chatterley*, ele tornou-se o “balde de ouro” do mercado negro das edições roubadas e então pirateadas. No entanto, escolher ler os relacionamentos amorosos da protagonista Connie, principalmente com seu amante guarda-caça, Oliver Mellors, apenas pelo frenesi do vazio erótico pode ser mais revelador de um juízo de valor de quem lê do que sobre a obra em si.

Em *O amante de lady Chatterley*, o corpo está sob a perscruta de um autor atento a seus processos. Desde a mudança estrutural corpórea que há da passagem da casta vida pueril para o desponte sexual na juventude, a assexualidade, os processos fisiológicos de degustação e excreção, tudo consta na observação de D. H. Lawrence. De fato, como leitores, podemos criar a impressão de estar diante de um cauteloso estudo que engloba a conexão entre o corpo e a natureza, algo que parece ter levado uma vida de coleta de dados, anotações e percepções sobre o corpo jovem e o senil, ao mesmo tempo em que investiga a fauna e a flora das Midlands inglesas.

David Herbert Lawrence, conhecido no mundo literário como o “último vitoriano” dos romancistas ingleses, conseguiu desmontar a barreira moral do corpo até então pouco tocada pelos grandes autores do período. Diferentemente de seus antecessores, que tinham na estabilidade financeira e emocional do casamento o final perfeito para seus heróis/heroínas protagonistas, Lawrence vê na conduta puramente prática e social dos entrelaçamentos o princípio do nó romanesco. O esvaziamento do sentimento e, em última instância, do ser em si (na pele, na alma, na natureza) é o mote em *O amante de lady Chatterley*. Nesse sentido, o senso de crise, tanto pessoal quanto coletivo, que levou homens e mulheres romancistas da era vitoriana a tornarem-se formadores de opinião na busca por ações mais justas nos diversos âmbitos sociais, opera também em Lawrence, 80 anos depois, mas a partir da perspectiva do desejo. O corpo cuja sexualidade era apenas brevemente descrita, padece de desejo muito mais do que de fome, de frio e de

esgotamento, em Lawrence. Na nova consciência perseguida em *O amante de lady Chatterley*, a dor do ventre, que não é fecundado no momento desejado, é exposta e incomoda tanto quanto um estômago vazio. Existe essa outra forma de dor, de incompletude, que não corresponde em nada aos imperativos morais norteadores da sociedade até então extremamente explorados nas narrativas oitocentistas. Há a busca pela integridade corporal, que começa pela satisfação do desejo. Se para Dickens a “felicidade Verdadeira” estava posta na bondade de espírito e na comunhão pacífica entre os seres, para Lawrence a verdadeira felicidade passa, inicialmente, por um corpo que é, antes de tudo, sexual e senciente.

Pela perspectiva do Realismo social inglês do século XIX, Lady Constance Chatterley possuiria todos os pré-requisitos sociais e morais de uma protagonista bem-sucedida e seria posta, muito provavelmente, como uma personagem exemplo, que passaria por todos os núcleos da narrativa, uma mártir pivô do resgate moral e espiritual de todos aqueles personagens desviados e/ou desvalidos. E é exatamente o que parecemos ter na Connie primeira de *O amante de lady Chatterley*. Afinal, ela surge de início como uma esposa dedicada, que busca se convencer do amor que sente e recebe do esposo, Clifford Chatterley, inclusive, cuidando pessoalmente das necessidades e higiene desse homem que habita um corpo paralítico e uma mente racional. Cabe ressaltar aqui que Clifford é caracterizado pela obliteração do corpo desde antes de seu acidente na guerra, nunca realmente dado ao sexo, “Clifford era virgem quando casou, e a coisa do sexo não significava muito para ele” (Lawrence, 2010, p. 56).

No entanto, diferentemente dos romancistas oitocentistas, como Charles Dickens, aos personagens de D. H. Lawrence a bondade de espírito e a cartilha moral não bastam para a formação de um sentimento de completude rumo ao caminho da bem-aventurança. Em uma carta de 1914 endereçada a Edward Garnett, ele explica: “*You musn’t look in my novel for the old stable ego of the character*”¹ (Williams, 1984 *apud* Lawrence, 1914, p.177). Nesse sentido, a personagem lady Chatterley possui outra versão de si (corporal, natural e sexual), que precisa ser desenvolvida para que ela possa se tornar um membro ativo e positivo na comunidade. Lawrence indica o quanto uma rede de afetos, apesar da coloração de cunho íntimo, é coletiva, no sentido da troca, do toque, do outro - no processo e no ato.

Em toda obra de D. H. Lawrence, mas principalmente em *O amante de lady Chatterley*, as categorias romanescas de “psicológico” e “social” coabitam. Lawrence está distante da oposição entre esses estratos, uma vez que, para além dos dilemas internos dos personagens, os resquícios da era industrial tomam grande espaço nessa narrativa. A geografia da melancólica casa de Wragby e da vizinha e empobrecida aldeia mineira de Tavershall forma os pequenos mundos onde Clifford Chatterley é “rei” e senhor. De uma perspectiva histórica, a grande primeira mudança no século XIX, do campo para a cidade, na Inglaterra, aconteceu na fase de criação e publicação de *O amante de lady Chatterley*, em meados de 1928: “A Inglaterra industrial se sobrepunha à Inglaterra agrária. Um significado oblitera o outro. A nova Inglaterra oblitera a antiga. E a continuidade não é

¹ Quando não especificado o autor, as traduções são de nossa autoria. “Você não deve procurar em meus Romances pelo antigo ego estável do personagem”.

orgânica, mas mecânica” (Lawrence, 2010, p. 264). A narrativa fornece uma visão do que ficou do passado no início do século XX. Ou seja, os restos, os entulhos, a decadência da pós-Revolução Industrial aliada ao pós-guerra. Nessa fase, o sofrimento atroz de um século de relevantes mudanças e revoluções sociais está exposto no psicológico e na realidade empírica do povo inglês.

Em *O amante de lady Chatterley*, a última grande narrativa de D. H. Lawrence, o embrutecimento e a pobreza da comunidade que sobrevive da mineração é o nicho de observação social do autor. Nesse sentido, não há como desconectar os retratos da mineração na literatura sem evocar o nome de Émile Zola com seu *Germinal*. No entanto, diferentemente do frenesi do despontar econômico-industrial, do caldeirão das minas e do sofrimento latente dos mineradores que formam o cerne de *Germinal*, em *O amante de lady Chatterley* há o “*aftermath*”. A decadência, o cansaço dos trabalhadores, o esgotamento da natureza, o abismo social e humano entre patrões e empregados, são indicativos da degradação herdada pela Revolução Industrial. De acordo com o parágrafo de abertura do Romance, a vida está em falta:

Nossa época é essencialmente trágica, por isso recusamos a vê-la tragicamente. O cataclismo já aconteceu e nos encontramos em meio às ruínas, começando a construir novos pequenos habitats, a adquirir novas pequenas esperanças. É trabalho difícil: não temos mais pela frente um caminho aberto para o futuro, mas contornamos ou passamos por cima dos obstáculos. Precisamos viver, não importa quantos tenham sido os céus que desabaram. Era esta mais ou menos a posição de Constance Chatterley. A guerra derrubara o teto sobre sua cabeça. E ela percebera que todos precisamos viver e aprender (Lawrence, 2010, p. 45).

De fato, a partir do teor tanto social quanto psicológico do parágrafo de abertura de *O amante de lady Chatterley* somos levados a questionar se a insistente categorização dessa obra como “erótica” não estaria mais relacionada à biografia matrimonial de D. H. Lawrence e sua esposa Frieda do que propriamente com o desenrolar da narrativa. Sobre o relacionamento conjugal do autor, Doris Lessing explica:

A vida sexual desses dois sempre foi ruidosa e tumultuada; o que jamais constituiu segredo. Os amigos, visitantes e acólitos enamorados que Lawrence atraía eram informados dos vários estágios de seu amor e de sua vida sexual, em prosa e verso – Lawrence tratava de tudo, do que pensava, do que fazia, o tempo todo, em cartas para amigos de toda parte, e em suas conversas. Frieda se queixava da sexualidade dele em conversas com as irmãs, com os ex-amantes, com os amigos. Ele não a satisfazia, na verdade era mais homossexual que a média. Frieda era uma mulher que tivera e teria muitos amantes (lessing, 2010, p.10).

Ainda que o contexto autor-pessoa, autor-criador possa suscitar alguma relevância na construção da narrativa, podemos questionar se a intenção de Lawrence seria criar um Romance “erótico”, considerando o parágrafo de abertura com conteúdo que alude à resiliência e ao desejo de aprendizado por parte da protagonista. Umberto Eco (1994), em *Seis passeios pelo bosque da ficção*, esclarece a ausência de uma tese sólida nos filmes pornográficos e sua relação com o sexo explícito, explicação essa que podemos facilmente transpor para narrativas com o foco raso no ato sexual *per se*:

Um filme pornográfico deve satisfazer o desejo que o público tem de ver cenas de sexo explícito, mas não pode ficar uma hora e meia mostrando sexo sem parar, pois isso seria cansativo para os atores — e em última instância também para a plateia. Assim, é preciso distribuir os atos sexuais ao longo da história. Entretanto, ninguém tem a menor intenção de investir tempo e dinheiro numa história razoável, nem os espectadores têm o menor interesse na história, porque só estão ali esperando as cenas de sexo. Por isso, a história se reduz a atos insignificantes do cotidiano, como ir a algum lugar, tomar um uísque, vestir um casaco, falar de coisas irrelevantes (Eco, 1994, p. 63).

Para além do corpo erotizado, nas mais de quinhentas páginas de *O amante de lady Chatterley*, Lawrence apresenta o corpo senciente, inserido em um ciclo positivo de vida-morte-vida. De forma que o sexo performa uma espécie de sacramento, sem espaço para banalização. A fidelidade nos enlaces felizes da narrativa, de Connie com Mellors e de Sra. Bolton com Clifford, dista de norteadores religiosos, da moral pública, das “resoluções” individuais ou coletivas. Ao invés disso, Lawrence oferece uma nova perspectiva dos afetos, que ouve e respeita a natureza do desejo, do corpo que emite o alerta e, se contemplado com reciprocidade, deve total fidelidade a esse outro recíproco.

Assim, no retrato do caos psicológico e social, o corpo e suas sensações salvam o indivíduo de uma morte lenta que passa pelo espírito e pela mente, e atravessa o corpo. No entanto, conforme o narrador, essa capacidade de regeneração a partir da imposição do desejo requer aprendizado. E é exatamente isso que percebemos na protagonista Connie, que tem como vantagem um berço artístico e de valores libertários. Advinda de uma família em que o pai, Sir Malcolm Reid, é um renomado pintor da Academia Real e a mãe uma artista plástica reformista, Connie e sua irmã Hilda foram criadas em uma esfera política de ideias libertárias. A mãe, falecida antes do casamento de Connie, tem o desejo de que “as filhas fossem ‘livres’ e ‘realizadas’” (LAWRENCE, 2010, p. 50), o que sugere um destino diferente para a protagonista, não fosse a guerra desestabilizar o que parecia ser um projeto de liberdade. Em oposição a Connie estudante, pulsante e liberta da Alemanha, a Connie da Inglaterra pós-guerra é levada a adequar-se aos moldes sociais de esposa e dona do lar, passiva.

Depois do terror e do caos do conflito bélico, que esvai os sonhos dos personagens, há necessidade de reorganização social e o casamento parece ser a única opção das irmãs. Clifford também tinha anseios e o casamento não era um deles. Seu desejo era habitar Wragby com o irmão e a irmã. No entanto, a vontade do pai de que “é preciso gerar herdeiros” prevalece depois da morte do irmão e ele acata a ideia do casamento. Eis a necessidade social imediata de manejar as coisas do mundo com uma certa ordem, e Connie e Clifford são jogados ao casamento sem o ímpeto do desejo: “Corria o terrível ano de 1917, e viveram a intimidade de duas pessoas que se veem juntas num navio que naufraga” (LAWRENCE, 2010, p. 56). Nesse contexto de pós-guerra não há liberdade de escolha, tampouco de ação. O que temos, então, são duas jovens vítimas de um sistema de guerra, cuja união tende à ruína, à morte, ao desespero, longe de uma conexão genuína e natural, que é o ideal de união de D. H. Lawrence.

Já o relacionamento clandestino de Connie e Mellors convida ao regresso ao tempo em que vivíamos em harmonia com as estações, com a grande roda do ano. O encontro dos amantes difere por completo do enlace por necessidade de Constance e Clifford. A premissa de procriação e moral não tomam parte do desejo de união do casal

extraconjugal. A partir da conexão natural, do enlace místico desses dois personagens, Lawrence propõe uma nova perspectiva do casamento, que não pode ser apenas de consciência social e ordeira, mas precisa estar ajustada, antes de tudo, ao ímpeto do instinto, que tem como mediadores o corpo e a Natureza. Essas duas entidades emitem sinais sobre o que é certo, o que funciona. De fato, Connie é avisada quando sente no ventre o impulso do desejo ao mirar o guarda-caça desnudo pela primeira vez:

No entanto, de algum modo curioso, foi uma experiência visionária: e atingiu-a no meio do corpo. Ela viu as calças rústicas abertas, revelando os quadris lisos, delicados e brancos em que os ossos se destacavam um pouco, e a sensação de isolamento, de uma criatura absolutamente só, causou-lhe uma forte impressão. A nudez perfeita, branca e solitária de um ser que vive isolado, e interiormente só. E, para além disso, uma certa beleza de criatura intocada. Não a essência da beleza, nem mesmo o corpo da beleza, mas um certo fulgor, a chama branca e cálida de uma vida singular que se revela em contornos palpáveis: um corpo! Connie sentira o choque dessa visão em pleno ventre, e sabia disso. Persistia no fundo dela. Mas mentalmente tendia a rir daquilo. Um homem se lavando no quintal de casa! Certamente com sabão amarelo e malcheiroso! Ficou muito contrariada. Por que precisava deparar-se com aquelas intimidades tão vulgares? (Lawrence, 2010, p. 134-135).

Contudo, apesar de sentir fisicamente o desejo “no meio do corpo”, Connie ainda não está preparada para entender e atender aos chamados da natureza. É possível afirmar que *O amante de lady Chatterley* configura-se como um Romance de Formação, uma vez que acompanhamos a protagonista sair de um estado de inexistência, de escuridão e esterilidade rumo à vida plena, à luz, à fertilidade. Paulatinamente, Connie é reeducada por Mellors a ouvir e acatar sua Natureza. A pregação de Lawrence nesta narrativa mostra que a única e verdadeira saída em direção à retomada da vida orgânica é pelo corpo. Em meio à terra arrasada e às mudanças advindas da industrialização, existe ainda um corpo que resiste à mecanização e que sofre e se entristece quando cala o instinto a fim de moldar-se ao caos social.

D. H. Lawrence colhe tais ideias de fontes muito antigas: no amor ligado ao natural, o qual inspirou o otimismo renascentista (basta reler e relembrar Shakespeare, com seus sonetos orvalhados). Ele consegue louvar a vida por meio da Natureza, recolocar na linha do tempo o amor, não puro, mas Natural. O otimismo é ressignificado a partir de uma ideia de regeneração, alinhado à Natureza e ao corpo, e reverbera amplamente na década de 1960, com a comunidade hippie e seus psicodélicos - e com a filosofia do amor como forma de resistência política. Essa retomada da perspectiva natural dos afetos toma forma no século XX a partir de escritores como o próprio Lawrence e críticos avessos ao estruturalismo, como Bakhtin, na primeira metade do século XX. Contudo, a “nova consciência” proposta por Lawrence é, de fato, uma inovação, uma vez que a Natureza não é apenas posta como uma representação, tal como o fora no “mundo verde” renascentista, como uma alegoria do sentir humano, mas possui em si a própria sciência, conforme o excerto:

No bosque, tudo estava totalmente inerte e sem movimento. Só gotas grandes se despendiam dos galhos nus, produzindo um pequeno som oco na queda. Quanto ao resto, em meio às velhas árvores depositavam-se camadas e camadas de uma inércia cinzenta e irremediável, o silêncio, nada. Constance seguia caminhando sem muita consciência do que a cercava. O

antigo bosque emanava uma melancolia arcaica que de algum modo a reconfortava, melhor que a áspera insensibilidade do mundo exterior. Ela gostava da *interioridade* daquele resto de floresta, da reticência sem palavras das velhas árvores. Pareciam poder encarnar o poder do silêncio, embora fossem uma presença vital. Elas também estavam à espera: esperavam com obstinação e estoicismo, impregnadas da potência do silêncio (Lawrence, 2010, p.133).

Tal como disposto acima, o bosque possui o seu próprio “eu”, que vivencia e experimenta sensações. Connie, aqui, aparece obliterada, quase sem consciência, o que a proporciona atingir a experiência única de imersão na Natureza. Já o bosque é presente e remonta a milênios de vida. É no bosque que Connie se aparta do automatismo do cotidiano e entrega-se na busca pela verdade que apenas as sensações trazem. É por intermédio dessa união com o bosque, sem intervenções intelectuais, que Connie é afetada e refaz-se. No bosque há a insistência da vida. Assim, a Natureza, em toda sua exuberância, é a própria sexualidade e não apenas uma representação dela. As cores, as formas, os aromas formam o pano de fundo da narrativa. A partir dessa celebração dos sentidos, Lawrence sugere para o fato de que sem reprodução não há vida. O autor casa o fundo da mente dos personagens, ou seja, suas vontades mais escondidas, com as representações da Natureza, a qual ele não aparta de sua própria senciência. É a própria vida em comunhão:

Ela contornou a casa em silêncio até os fundos, onde o terreno formava um barranco; tinha uma desculpa, ver os narcisos. E lá estavam eles, flores de talo curto, agitadas, trêmulas e sussurrantes, tão coloridas e vivazes, mas sem terem como esconder o rosto, que procuravam desviar do sol. Constance sentou-se com as costas apoiadas em um jovem pinheiro que balançava com uma vida surpreendente, elástica e poderosa, voltando sempre à vertical. Aquela coisa viva e ereta, com sua folhagem ao sol! [...] E sentada ali, tão quieta, sentiu que se entrega à correnteza do seu próprio destino. Estivera atada até então, retesando sua corda como um barco que dá repelões nas amarras; agora estava solta, e à deriva (Lawrence, 2010, p. 162).

Assim, podemos afirmar que D. H. Lawrence é um autor pró-vida. Muito mais do que liberdade sexual, no cerne da pregação está a mulher e o homem libertos e felizes, em total conexão com o natural. Quando coloca homem e Natureza de forma equânime no que tange ao sentir, Lawrence parecia o sentimento humano, de ordem metafísica, com as transformações das fases da Natureza, que são aparentes e reais. Quando comparamos a narrativa inglesa voltada ao natural de D. H. Lawrence com o mundo verde de Shakespeare, percebemos que na literatura vitoriana tardia não há espaço para o mito. O corpo é o próprio Deus. A fé no externo, em algo superior e além, passou por provações e não mais se sustenta. O sentimento de medo, trazido principalmente por guerras e injustiças sociais, não é mais levado até o mito em súplica. Nesse contexto, tal como exposto em *O amante de lady Chatterley*, o medo passa pelos afetos e é, quando enfrentado, diluído no corpo em forma de desejo e retorna em forma de vida.

A quebra da antítese vida/morte em *O amante de lady Chatterley*, ou o poder de regeneração presente na Natureza e nos corpos, é ressaltado no estudo de Bakhtin acerca do cerne do carnavalesco na Idade Média e no Renascimento. Tal como posto em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais* (1987), que se opõe à visão heroica grega na qual nascer e morrer são duas notas extremas

dentro da valorosa ordem da vida, Bakhtin enterra a noção de antítese, estabelecendo, por assim dizer, uma relação de ciclicidade. Sob essa perspectiva, a regeneração pode ser constatada universalmente nas estações do ano e na gestação humana. Com isso, as noções de pertencimento e de ser do homem na Natureza ampliam-se. Daí a importância da festa ou do banquete, ligando a colheita natural e o sustento corporal ao ciclo orgânico do tempo. Todos os elementos da vida se interligam, formando um elo totalizante e equânime. No excerto a seguir o autor esclarece a noção orgânica da vida, desvelando o tom de reconciliação entre o cosmos e o corpo, em todas suas potencialidades:

Degradar significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e a dos órgãos genitais e, portanto, com atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais. A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um novo nascimento. E por isso não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também um positivo, regenerador: é ambivalente, ao mesmo tempo negação e afirmação. Precipita-se não apenas para o baixo, para o nada, a destruição absoluta, mas também para o baixo produtivo, no qual se realizam a concepção e o renascimento, e onde tudo cresce profusamente. O realismo grotesco não conhece outro baixo; o baixo é a terra que dá vida, e o seio corporal, o baixo é sempre o começo (Bakhtin, 1987, p. 18).

A lógica cíclica vital exposta por Bakhtin é também o cerne de *O amante de lady Chatterley*. Não surpreendentemente, Connie, amedrontada pela guerra e por um casamento torpe, encerra a narrativa grávida de Mellors. O ser que Connie carrega no ventre é o milagre do corpo em todo seu poder de transmutação, do negativo para o positivo, da morte à vida. Quando cruzamos o entendimento de Bakhtin acerca do realismo grotesco com a perspectiva de D. H. Lawrence sobre a equalização das fases da Natureza e dos sentimentos estéticos do ser humano, o sexo aparece não como erótico, mas como fisiológico a ponto de poder soar grotesco. E Lawrence acredita no alcance transformador de sua literatura como uma potência de energia humana, que se expande pela exaltação dos sentidos, conforme lemos na voz do narrador/autor sob a perspectiva de Connie:

Pois mesmo a sátira é uma forma de compaixão, e a maneira como nossa compaixão se estende ou se retrai é determinante para nossa vida. E nisso reside a vasta importância da literatura, quando tratada da forma correta. Ela pode manter informadas e conduzir a novos paradiços as extensões da nossa consciência empática, ou fazer com que ela se retraia diante de coisas que já morreram. E assim os romances tratados da maneira certa, podem nos revelar os aspectos mais recônditos da vida: pois são esses pontos secretos e *passionais* da vida, acima de tudo, que precisam ser banhados pelas altas e baixas da maré da percepção sensorial, promovendo a limpeza e a renovação (Lawrence, 2010, p. 184).

É a partir do sentir humano e da ciclicidade natural que o milagre da vida acontece, tal como encontramos na narrativa, refutando assim a noção sobrenatural do mito. O milagre advém do corpo. A queda do mito fica explícita quando D. H. Lawrence invoca, em um dado momento da narrativa, “o velho Adão e a velha Eva”, retirando os personagens bíblicos de seu contexto mitológico e recolocando-os em uma posição muito anterior, mais depurada e humana do que aquela estabelecida pelos dogmas da igreja:

Toda essa gente moderna só se contenta quando consegue extinguir o antigo sentimento

humano das pessoas, reduzindo a pó o velho Adão e a velha Eva. São todos iguais. É a mesma coisa no mundo inteiro: exterminar a realidade humana, uma libra por prepúcio, duas libras por cada par de bolas. E as bocetas não passam de máquinas de foder! Tudo a mesma coisa. Basta lhes dar dinheiro que eles cortam fora o pau do mundo inteiro. Basta lhes dar dinheiro, dinheiro, dinheiro para acabar com o brio de toda a humanidade e reduzir todos eles a máquinas giratórias (Lawrence, 2010, p. 351).

Essa autossuficiência do homem a partir de seu corpo ágil percorre caminhos filosóficos. Há, em *O amante de lady Chatterley*, a noção de comunhão genuína, ou ainda, de troca, desprovida de qualquer imaginário divino entre homem e mulher, inclusive, entre homem e homem². D. H. Lawrence possivelmente inspirou-se em Spinoza (Cf. Santos; Ribeiro, 2020), para quem o corpo é veículo para a potência de ação, além da noção de Deus e Natureza como sendo unos e todas as coisas ao mesmo tempo. De acordo com o filósofo holandês, é pelo corpo que somos afetados e nele perpassam paixões, tanto alegres quanto tristes. E é no exercício dos afetos das paixões que se encontra a prática de liberdade. Em *O amante de Lady Chatterley*, D. H. Lawrence pensa a autonomia humana a partir da dimensão do corpo, transformando, assim, a filosofia de Spinoza em uma narrativa literária.

À GUIA DE UMA CONCLUSÃO

Podemos afirmar que *O amante de lady Chatterley* é uma celebração da vida, uma vida que não é autônoma, mas dependente única e exclusivamente de seu próprio sistema. A intenção do escritor parece ter sido realizar uma ode ao poder corporal, mas a narrativa mais contundente do “último vitoriano” foi posta sob a categoria de “erótica”. No entanto, o cerne do romance é muito mais denso do que meras imagens de sexo. De fato, há um teor moralizante na narrativa, quando D. H. Lawrence aponta dois lados opostos do ser humano, que residem na vulnerabilidade e na potência. Somos seres que nos retroalimentamos uns dos outros, da Natureza, de tudo que habita nossa realidade. Sob essa perspectiva, não há esperança fora do corpo e fora da Natureza, por isso, nosso dever com a ternura para melhor vivermos tanto individual quanto socialmente. A partir de uma conjunção de aspectos psicológicos e sociais da narrativa, ou seja, quando acompanhamos o processo de aprendizado do sentir da personagem Constance sobre o pano de fundo da Inglaterra devastada pela Revolução Industrial e do pós-Primeira Guerra, observamos que o desejo de poder é irreal e causa morte, em oposição ao desejo do corpo, que é a verdade e gera vida.

Connie, em um momento de epifania, percebe que a causa de seu definhamento físico e psicológico está ligada à negligência, ou ainda, à ignorância do desejo. A protagonista oblitera o lado sexual de sua vida devido ao estado de inabilidade física do

² Temos em mente a passagem em que Mellors explicita sua relação de extrema fidelidade com um general do exército, aludindo a um relacionamento que vai além de trabalho, partindo para o âmbito afetivo: “Ele tinha subido de patente. Adorava o exército. E nunca se casou. Era vinte anos mais velho do que eu. Um homem muito inteligente, e sozinho no exército, como costuma acontecer com esses homens. Um homem apaixonado, ao modo dele: e oficial muito competente. Eu vivia mais ou menos enfeitiçado por ele, naquele tempo. Deixava que ele conduzisse minha vida. E nunca me arrependi” (LAWRENCE, 2010, p. 349).

marido, e é só a partir da retomada do ato sexual prazeroso que entra em harmonia consigo mesma e com os estados da Natureza. D. H. Lawrence deposita a esperança perdida no corpo. Quando não resta mais nada além de terra arrasada, se ainda estamos vivos, é porque temos um corpo. Assim, devemos recomeçar a partir dele, tal como a música de Nina Simone - pianista, cantora e ativista pelos direitos civis dos negros norte-americanos, nascida em 1933 - apresentada na epígrafe.

A narrativa de D. H. Lawrence é pró-vida. A imagem de vida positiva e afirmativa contida em *O amante de lady Chatterley* retoma a filosofia de Spinoza, principalmente no que tange à noção de um corpo senciente, que passa pelas mais variadas experiências e reage a elas. Somos os afetos. Além disso, conseguimos ampliar nosso olhar frente à ciclicidade da vida positiva, a qual nunca termina na morte, e do sexo como um grotesco regenerador, quando buscamos os estudos de Bakhtin sobre a conexão instinto/vida social. A esse propósito, Lawrence afirma que “a sátira é uma forma de compaixão” (LAWRENCE, 2010, p,184), observando e revelando o outro e seus processos, belos ou grotescos.

No que tange ao alinhamento entre os sentimentos estéticos humanos e as fases da Natureza, o autor retoma formas poéticas renascentistas. No entanto, há uma diferença de abordagem que está na própria sciência do sistema da Natureza. Nesse sentido, ela não se torna a representação dos sentidos, tal como em Shakespeare. Em Lawrence, a Natureza possui seu próprio sentir. Dessa maneira, “o último vitoriano” afasta qualquer possibilidade de possíveis idealizações. A fim de se aprofundar na relação Natureza senciente e a contundente crítica ao Romantismo, presente na narrativa, um futuro estudo se faz necessário.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.

BORGES, J. L. *O outro, o mesmo*. Tradução de Leonor Seliar-Cabral. São Paulo: Globo, 2000.

ECO, U. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Tradução de Wanda Ramos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LAWRENCE, D. H. *O amante de lady Chatterley*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2010.

LESSING, D. Introdução. In: LAWRENCE, D. H. *O amante de lady Chatterley*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2010, p.7-38.

SANTOS, V. R.; RIBEIRO, W.C. Spinoza, uma filosofia da imanência dos afetos. *Kinesis*. São Paulo, v. 12, n.33, p.198-212, dez. 2020. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/11358>. Acesso em: 10 jul. 2022.

WILLIAMS, R. *The English Novel from Dickens to Lawrence*. London: The Hogarth Press, 1984.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.